

## OS FASTOS: O DIÁLOGO ENTRE JÚPITER ELÍCIO E NUMA POMPÍLIO

*Eliana da Cunha Lopes* (CiFEFiL/FGS)  
[elianalatim@yahoo.com.br](mailto:elianalatim@yahoo.com.br)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo mostrar o diálogo entre Júpiter Elício (o deus que vem do alto) e Numa Pompílio (o segundo rei de Roma). Utilizaremos, particularmente, os versos 329-356, em dísticos elegíacos (hexâmetros e pentâmetros), retirados do Terceiro Livro dos *Fastos* (calendário poético), do mês de março dedicados ao culto de Marte, pai mitológico de Rômulo e Remo. Este poema foi escrito pelo sulmomenense Públio Ovídio Nasão (*Publius Ovidius Naso*, em latim), na maturidade.

**Palavras-chave:** *Fastos*. Ovídio. Século de Augusto.

Se acaso existe alguém que a dor não saiba ultrapassar e que do amor nada conheça, então jamais compreenderá a força da poesia ovidiana, onde dor e prazer, ausência e presença se enlaçam com uma habilidade poética que faz despontar da poesia uma verdadeira força consoladora.

Confessa Ovídio em *Tristia* 4.10.103-108:

*Indignata malis mens est succumbere seque  
Praestitit inuictam uiribus usa suis;  
Oblitusque mei ductaeque per otia uitae  
Insolita cepi temporis arma manu  
Totque tuli terra casus pelagoque quot inter  
Occultum stellae conspicuumque polum.*

A minha mente recusou-se a sucumbir aos males  
E elevou-se invencível empregando as suas forças;  
E esquecendo-me de mim próprio e da vida levada pelo ócio  
Tomei com mãos desacostumadas a força do tempo  
E afrontei tantos perigos, pela terra e pelo mar  
Como estrelas há entre o firmamento visível e invisível.

(ABREU, 2002, p. 78)

### 1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo mostrar o diálogo entre Júpiter Elício (o deus que vem do alto) e Numa Pompílio (*Numa Pompilius*, em latim), o segundo rei de Roma, nascido no dia da fundação de Roma, in-

trudutor do culto de *Jupiter Elicius* em Roma, segundo Pierre Grimal, 2000). Utilizaremos, particularmente, os versos 329-356, em dísticos elegíacos (hexâmetros e pentâmetros), retirados do Terceiro Livro dos *Fastos* (calendário poético), do mês de março, dedicado ao culto de Marte, pai mitológico de Rômulo (que, segundo a lenda, fundou Roma e se tornou seu primeiro rei) e Remo. Era também o mês das Matronas (*Matronalia*), destacados nos versos 167-258 – 1º de março, festas destinadas às mulheres casadas e das festas em homenagem à deusa Juno Lucina. Este poema foi escrito pelo poeta sulmonense, Públio Ovídio Nasão (em latim, *Publius Ovidius Naso*), na maturidade.

O texto latino foi retirado da obra OVIDE. *Les Fastes*. Traduction nouvelle. Introduction. Notes et texte établis par Emile Ripert. Paris: Librairie Garnier Frères, [s/d.].

## 2. Análise do texto

O *corpus* analisado em nosso artigo inicia no verso 329 do Terceiro Livro dos *Fastos*. Nos versos utilizados para este artigo (329-356) o poeta Ovídio nos relata o diálogo entre Júpiter Elício e Numa Pompílio sobre o aparecimento do *altorum rexque paterque deum*, verso 334 ao rei-sacerdote Numa Pompílio, num diálogo surrealista a respeito de um ritual exigido pelo rei sabino para que fosse destacado o seu caráter sábio e audacioso e, para este fim, Numa Pompílio luta até o fim para obter do próprio Júpiter, de manhã, *crastinus* (adjetivo) verso 345, e *crastina*, verso 352 a prova concreta de sua soberania e fidelidade ao deus dos raios e dos trovões com a ajuda dos sálios (os sacerdotes de Marte) como podemos observar através dos verbos *parebimus*, verso 339 e *credemus*, verso 351. Nota-se que o hexâmetro dactílico inicia com o verbo *constat*, verso 329, na sua forma impessoal, o qual coloca o poeta como narrador onisciente, relatando os fatos na terceira pessoa. Ele conhece tudo sobre os personagens, sabe também o que se passa no íntimo dos personagens, conhece suas emoções e pensamentos sem se incluir nos fatos *Corda micant regis: totoque e pectore sanguis / Fugit; / et hirsutae deriguere comae*, versos 331-332; *et dubio terruit ore virum*, verso 338; *Ille redit laetus*, verso 349. A forma verbal *constat*, verso 329; é completado por orações objetivas diretas *Aventinae tremuisse cacumia silva / Terraque sub-sedit pondere pressa Jovis*, versos 329-330.

Nos versos iniciais da narrativa, nota-se a imensa plasticidade com que o poeta narra a aparição do deus Júpiter, no monte Aventino, uma

das sete colinas que cercam Roma (Capitólio, Célio, Palatino, Quirinal, Viminal e Esquilino). A cena descrita se deu de forma apavorante para Numa Pompílio, simbolizada por verbos e vocábulos utilizados pelo narrador: *tremuisse*, verso 329; *subsedit, pondere / pressa*, verso 330.

O poeta-narrador nos relata o pedido de Numa Pompílio que, restabelecido da aparição prodigiosa *Ut rediit animus*, verso 333, solicita que Júpiter lhe mostre *Da certa piamina, dixit*, verso 333 a forma correta do sacrifício, para que possa obter a dádiva pedida *quod petitur*, verso 336.

Nos versos 335 e 336, há adjetivos que caracterizam o cuidado dispensado ao *donaria*, verso 335 do deus pai e rei dos deuses superiores *manibus... puris*, verso 333 e que o pedido deve ser suplicado *rogat*, verso 336 *com pia lingua*, verso 333.

O vocábulo empregado para Júpiter, por Numa Pompílio, é *pater*, verso 334 – título de respeito dado aos deuses pois, o deus dos deuses, por excelência, é o soberano do panteão romano na mitologia latina. O discurso direto de Numa Pompílio se estende do verso 333 ao 336. *Fluminis*, pentâmetro 334, ao qual Numa Pompílio se refere, são as chamas avermelhadas emitidas por Júpiter, o deus dos raios e dos trovões, em sua aparição.

No verso 338, em pentâmetro, o narrador nos coloca diante da dicotomia mortal versus imortal ao relatar que Júpiter, por ser um deus, aterrorizou –*terrui* o homem – *virum*, o mortal. O vocábulo – *vir*, com a mesma acepção aparece no verso 344.

Júpiter, o pai biológico dos deuses superiores, concede o pedido solicitado *quod petitur*, verso 336; mas em troca impõe uma atitude do solicitante, através do imperativo do verbo *caedo, -is, -ere: caede* que carrega uma semântica de violência e força – *caede caput*, verso 339, verbo que aparecerá em gerundivo no verso 340- *caedenda est* -que deve ser cortada.

No verso 341, em hexâmetro, Ovídio lança mão de sinédoque, quando subentende o termo *caput caede* do genitivo *Hominis*.

Na fala de Numa Pompílio, verso 342, o substantivo *anima*, em *acusativo singular*, e o imperativo estão subentendidos, por conta da métrica, no genitivo *Piscis*, *-caede animam Piscis*.

O tempo da ação de Júpiter é fixada no texto pelos adjetivos *cras-*

*tinus*, no masculino, verso 345 e *crastina*, feminino, verso 352, derivados do advérbio *cras-* amanhã, quando o pai de todos os deuses desce do monte Capitólio para o monte Aventino registra... *protulerit cum totum crastinus orbem*, verso 345 ... *en, audi crastina quisquis ades*, verso 352.

*Cynthius*, versos 346 e 353, é alusão a Apolo, filho de Júpiter e Latona, venerado no monte Cinto, na ilha de Delos. Segundo Pierre Grimal, 2000, p. 32-33, é um deus que pertence à segunda geração dos olímpicos, tem o loureiro, ou *dafne*, em grego, como a árvore que lhe é consagrada. Ele é o deus que conduz o carro do sol através do céu.

*Quiritibus*, (*quiris,-itis.m.*) dativo plural, verso 349, objeto indireto de *memorat*, refere-se ao cidadão romano, união dos romanos com os sabinos.

No diálogo entre os personagens, encontramos orações em discurso direto implicando no aparecimento de verbos *dicendi*: *dixit*, versos 333, 339 e 347; *inquit*, versos 339 e 343; *ait*, versos 341, 342 e 351.

Júpiter promete, verso 345: *Sed tibi protulerit cum totum crastinus orbem / Cynthius* e, Numa Pompílio, certo de que receberá do deus as garantias pedidas *pignora*, verso 346, com uma língua pia ... *pia lingua*, verso 336, transmite aos Quirites a promessa feita por Júpiter *Protulerit terris cum totum Cynthius orbem, / Jupiter imperii pignora certa dabit*, versos 353-4. – que, quando Cíntio tiver revelado toda a sua luz na minha terra, Júpiter oferecerá as garantias seguras do meu poder. Numa Pompílio, volta alegre – *laetus*, verso 349 – com a palavra dada por Júpiter, *colloquio*, verso 344, e aguarda a chegada da manhã. Do mesmo modo que Júpiter se apresentou a Numa Pompílio, com a mesma atmosfera digna de um poderoso deus, foi levado – *fertur*, verso 348, aos céus, com agitação, – *motum*, verso 347, à região superior onde reinam os deuses – *...ingenti tonitru super aethera motum*. Observa-se que, no hexâmetro, 347, Ovídio utiliza o acusativo grego em alfa *aethera* que, em uma de suas acepções, significa parte superior do céu que contém o fogo. *Orbem*, é empregado como metáfora de luz, clarão, para designar os raios solares.

*Pius,-a,-um*, é o adjetivo também utilizado pelo poeta mantuano Vergílio ao qualificar Eneias, na *Eneida*, o *Pius Aeneas* (4,393), o herói que obedece às ordens dos deuses.

No pentâmetro 336, o poeta registra o adjetivo *pius,-a,-um, pia lingua*. Este adjetivo de origem religiosa, proveniente do verbo *piare*, é empregado no nominativo singular, adjunto adnominal do sujeito para adje-

tivar o substantivo *lingua*, núcleo do sujeito *rogat*, confirmado pela métrica.

O adjetivo *pia*, verso 336, em pentâmetro foi empregado semanticamente pelo mortal e suplicante Numa Pompílio que, com as mãos puras – *manibus ... puris*, cumprirá a missão solicitada pelo fulminante Júpiter, o deus dos raios que, em sendo um deus, é imortal.

Observa-se, na composição do Terceiro *Fastos*, que o poeta Ovídio utiliza o vocábulo *fides*, nos versos 350 e 356 e *credemus*, verso 351. Para os romanos a *fides* era a palavra dada, o juramento, a promessa solene, a fidelidade.

No verso 351, quando Numa Pompílio transmite aos *quirites* as palavras proferidas por Júpiter, utiliza o verbo *credo-credamus* – que, para os romanos significava a palavra dada que será cumprida, a própria *fides*.

Segundo Pierre Grimal (2000, p. 170), *FIDES*. (*Fides*) A deusa Fides é, em Roma, a *personificação da palavra dada*. É representada como uma mulher idosa, *com os cabelos brancos, mais velha que o próprio Júpiter*. Pretendia-se assim marcar que o respeito da palavra é o fundamento de toda a ordem social e política. Já Roma, a neta de Eneias, lhe consagrava um templo no Palatino. Os sacrifícios eram-lhe oferecidos com a mão direita envolvida em tecido branco.

### 3. O texto latino

- Constat Aventinae tremuisse cacumina siluae,*  
330 *Terraque subsedit pondere pressa Jouis:*  
*Corda micant regis: totoque e pectore sanguis*  
*Fugit et hirsutae deriguere comae.*  
*Ut rediit animus: "Da certa piamina, dixit,*  
*Fulminis; altorum rexque paterque deum,*  
335 *Si tua contigimus manibus donaria puris,*  
*Hoc quoque, quod petitur, si pia lingua rogat."*  
*Adnuit oranti: sed verum ambage remota*  
*Abdidit, et dubio terruit ore virum:*  
*"Caede caput", dixit. Cui rex: "Parebimus", inquit,*  
340 *Caedenda est hortis eruta cepa meis."*  
*Addidit hic: "Hominis". – "Summos, ait ille, capillos".*  
*Postulat hic animam; cui Numa: "Piscis", ait.*  
*Risit; et: "His, inquit, facito, mea tela procures,*  
*O vir colloquio non abigende meo.*  
345 *Sed tibi, protulerit cum totum crastinus orbem*  
*Cynthius, imperii pignora certa dabo".*  
*Dixit, et ingenti tonitru super aethera motum*  
*Fertur, adorantem destituitque Numam.*

*Ille redit laetus, memoratque Quiritibus acta:*  
350 *Tarda venit dictis difficilisque fides.*  
*“At certe credemur, ait, si verba sequatur*  
*Exitus: en, audi crastina, quisquis ades.*  
*Protulerit terris cum totum Cynthus orbem,*  
*Juppiter imperii pignora certa dabit.”*  
355 *Discedunt dubii, promissaque tarda videntur,*  
*Dependetque fides a veniente die.*

#### 4. A tradução

Consta que as elevações da floresta do monte Aventino tremeram e que a Terra abaixou esmagada pelo peso de Júpiter. O coração do rei Numa treme: e, de todo o seu peito, o sangue fugiu e os seus cabelos ergueram-se eriçados. Quando o seu ânimo voltou, Numa disse: “Mostre, ó Júpiter, as formas corretas de expiação dos raios, ó rei e pai dos deuses superiores. Se tocamos o seu santuário com as mãos puras, conceda isto também que é pedido, se uma língua piedosa o suplica”. Júpiter atendeu ao suplicante, mas ocultou a verdade com estranho enigma, e aterrorizou o homem com uma palavra duvidosa: “Corte uma cabeça; disse Júpiter. O rei Numa disse-lhe: – “Obedecerei. Uma cebola de minha horta deve ser cortada”. Júpiter acrescentou estas palavras: “de um homem”. Disse o rei: “As partes mais elevadas do cabelo”. Júpiter solicitou uma vida. Numa diz-lhe:” de um Peixe”. Júpiter riu e disse: “Faça isto e procure meus raios, ó homem, que não deve ser privado de minha resposta. Mas, pela manhã, quando Cíntio tiver exibido todo o círculo solar, eu lhe oferecerei as garantias certas do seu poder supremo.” Júpiter proferiu estas palavras e é levado agitado através do céu por um imenso trovão e abandonou Numa que o adorava. Numa Pompílio volta alegre e relata os feitos aos Quirites. A crença em suas palavras chegou tardia e dificilmente. Mas, sem dúvida, acreditaremos se o sucesso seguir as palavras proferidas. Amanhã, ouça aqui as palavras s quem quer que esteja presente. Quando Cíntio tiver revelado toda a sua luz na minha terra, Júpiter oferecerá as garantias seguras do meu poder supremo”. Afastam-se os descrentes e as promessas parecem tardias. A fidelidade depende do dia que virá.

#### 5. Conclusão

Segundo Henri Irene Marrou, 1978, p. 55: “o que sabemos sobre a vida de Públio Ovídio Naso e como sabemos? Embora o poeta tenha escrito uma variedade de trabalhos, os pesquisadores de literatura latina comentam, em geral, que não há uma bibliografia única a seu respeito, pois seus dados bibliográficos estão dispersos por sua obra. Desse modo, grande parte do que sabemos sobre a vida de Ovídio vem de suas próprias declarações, contidas em seus poemas, ou seja, dos traços que o poeta deixou atrás de si e que cabe a nós, historiadores, interpretá-los”.

As obras ovidianas que contêm dados de sua biografia, foram escritas no exílio (8-17 d.C) como em *Tristia, Epistulae Ex Ponto e Ibis*.

No corpus da obra *Tristi*, IV, X, 3-6 o poeta sulmonense registra que “Sulmona é a minha pátria, uma terra rica em córregos gelados, a noventa milhas de Roma [...]”.

O poeta estudado neste artigo conviveu com seus contemporâneos Propércio, Horácio, Emilio Macrão, Pôntico e Bassos; não contraiu amizade com Vergílio, o poeta da Eneida.

Ao longo do corpus de nosso artigo, retirado do Terceiro Livro dos *Fasti*, concluímos que a erudição, o preciosismo da forma e da composição desta obra resgatou as inúmeras festas e cerimônias religiosas romanas, a etiologia das divindades, seus poderes e efeitos sobre os mortais e sobre os semideuses que entre os versos 329-356 foram trazidos à luz pelo poeta Ovídio (Publius Ovidius Naso) aos romanos que, na época da publicação dos *Fasti* estavam esquecidos ou mesmo ignorados pelos romanos. Concluímos, também, que este resgate foi possível através do estilo elegante e erudito de um vate sulmonense como Roma teve o privilégio de ter entre seus melhores escritores.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Dina Maria Baptista. *As imagens náuticas na poesia amorosa e na poesia de exílio de Ovídio: a propósito dos Amores e dos Tristia*. Portugal: Universidade de Aveiro/Praxis XXI, Ágora. Estudos Clássicos em Debates 4 (2002), p. 79.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. 10. ed. Paris: Armand Colin, 1962.

BREAD, Mary. *SPQR: uma história da Roma Antiga*. Trad.: Luis Reyes Gil. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

CARCOPINO, Jerome. *Roma no apogeu do Império*. Trad.: H. Feist. São Paulo: Cia. das Letras/Círculo do Livro, 1990.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Festas romanas: da época dos reis ao advento do cristianismo*. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORREIA, Natália; FERREIRA, David Mourão. *Ars amatoria*. São Paulo: Ars Poética, 1992.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Trad.: R. C. Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, vol. 1, tomo 2.

EYLER, Flavia Maria Schlee. *História antiga: Grécia e Roma – a formação do Ocidente*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

\_\_\_\_\_. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Trad.: Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. 1993. Dissertação (de Mestrado em Língua e Literatura Latinas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

MAROUZEAU, Jules. *Dictionnaire culturel de mythologie grécromaine*. Paris: Nathan, 1992.

MARROU, Henri Irene. *Sobre o conhecimento histórico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

OVID. *Fasti*. With English translation by James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

OVIDE. *Les fastes*. Traduction, introduction et notes par E. Ripert. Paris: Garnier, 1934.

\_\_\_\_\_. *Les fastes*. Traduction et annoté par Henri Lê Bonniec. Préface de Augusto Fraschetti. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

\_\_\_\_\_. *Les fastes*. Traduction nouvelle. Introduction. Notes et texte établis par Emile Ripert. Paris: Librairie Garnier Frères, [s/d.].

RIPERT, Émile. *Ovide poète de l'amour, des dieux et de exil*. Paris: Armand Colin, 1921.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.